

INTERIOR DA BAHIA

Revolta em aldeia destruída

Paulo Whitaker/Reuters

**A NAÇÃO PATAXÓ
ESTÁ INDIGNADA
COM A AÇÃO DE
GRUPO ARMADO.
HOVE VIOLÊNCIA,
RECONHECERAM
FUNAI E GOVERNO**

COROA VERMELHA, BA (AFP) - A notícia da destruição de uma aldeia pataxó por um grupo de pistoleiros aumentou ontem a indignação dos índios que estão em Coroa Vermelha (BA) em um encontro de 2,5 mil indígenas brasileiros. Coincidindo ironicamente com o "Dia do Índio", a destruição foi citada pelos líderes índios como exemplo da brutalidade de que são vítimas há 500 anos.

Segundo os líderes pataxós - grupo indígena que vive na região do sul do Estado da Bahia - uma aldeia situada a cerca de 200 quilômetros de Coroa Vermelha foi destruída na terça-feira por um grupo de 30 homens armados. Os quarenta índios que viviam na aldeia fugiram. Alguns foram aparecendo durante a noite em outras aldeias, depois de caminhar horas pela selva. Mas pelo menos nove pessoas, entre elas uma mãe com vários filhos, ainda estavam perdidas na selva.

"A brutalidade contra nós continua igual, e o Governo faz vista grossa a esses atos violentos. Mas tudo isso só estimula os índios a serem mais fortes e lutarem para conseguir seus direitos", disse um dos líderes pataxós presente à conferência indígena.

A aldeia destruída fica ao pé do Monte Pascoal, terra sagrada dos pataxós. Ela foi criada depois de 2 de abril, quando mais de 100 índios invadiram uma fazenda. Na região, considerada terra indígena legalmente não demarcada, ocorrem invasões há vários meses. Segundo a Procuradoria Geral da República e a Fundação



APELO Índio da tribo guarani na praia de Coroa Vermelha num ritual de protesto contra o descaso com as nações indígenas em 500 anos do País

Nacional do Índio (Funai), que sobreviveram o lugar de helicóptero, houve uma "violenta desocupação da aldeia", que está sendo investigada pela Polícia Federal. "Não há provas de que haja índios desaparecidos, feridos ou assassinados, só temos certeza de que uma aldeia foi destruída e que os índios fugiram aterrorizados", disse a AFP o Procurador Geral do Estado, Paulo Fontes.

Os mais de 500 pataxós que

participam da conferência disseram que vão até a região da aldeia destruída para descobrir os índios que estão desaparecidos. Eles também pretendem continuar com as invasões. "Vamos retomar a terra que é nossa", disse a AFP Nailton Pataxó, chefe das diferentes tribos pataxós da região que participou da ocupação das terras ao pé do Monte Pascoal. Ele acrescentou que "As vezes não nos deixam tomar água

nos rios onde viviam nossos antepassados, não podemos caçar nem pegar frutas. Por isso decidimos invadir estas terras, que nossos avós perderam há 50 anos".

Os pataxós vestiram roupas tradicionais e pintaram os corpos com vermelho e preto, as cores da guerra, antes de se reunirem em torno da cruz de madeira que marca, em Coroa Vermelha, o lugar da primeira missa celebrada no Brasil, em 26 de abril de

1500. Eles saíram em manifestação pela estrada paralela ao mar, para pedir que seus direitos sejam reconhecidos. Os policiais militares que tentaram impedir a manifestação desistiram.

A destruição da aldeia mudou a programação do encontro indígena. Eles pretendiam discutir ontem a questão "500 anos, de quê?". Para os chefes pataxós, a violência contra a aldeia é a resposta.